


(DES)INFORMAÇÃO EM CÂMARAS DE ECO DO TWITTER: disputas sobre a cloroquina na pandemia da Covid-19

(DIS)INFORMATION IN TWITTER ECHO CHAMBERS: disputes over chloroquine during the Covid-19 pandemic.

(DES)INFORMACIÓN EN LAS CÁMARAS DE ECO DE TWITTER: disputas sobre la cloroquina en la pandemia de Covid-19


Cecília Almeida Rodrigues Lima

Doutora em Comunicação Social (PPGCOM-UFPE).
Professora do Departamento de Comunicação da
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
cecilia.lima@ufpe.br.

 0000-0002-9771-0396


Janaina de Holanda Costa Calazans

Doutora em Comunicação Social (PPGCOM-UFPE).
Professora do Departamento de Comunicação da
Universidade Católica de Pernambuco.
janaina.calazans@gmail.com.

 0000-0002-0692-6280

Ivo Henrique Dantas

Doutor em Comunicação Social (PPGCOM-UFPE).
Pesquisador da UFPE. ivohdantas@gmail.com.

 0000-0001-7899-8390

Correspondência: Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE), Avenida Prof. Moraes Rego, nº
1235 - Cidade Universitária. CEP: 50670-901. Recife,
PE – Brasil.

Recebido em: 17.06.2020.

Aceito em: 26.08.2020.

Publicado em: 01.10.2020.

Introdução

Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o status de pandemia para a Covid-19, doença causada pelo novo Coronavírus SARS-CoV-2, em 11 de março de 2020, a circulação de informações sobre o assunto cresceu drasticamente em todo o mundo. Segundo o Google¹, a quantidade de buscas por termos relativos à nova pandemia dispararam durante esse período.

RESUMO:

Diante do grande fluxo de informações que circulam pelo Twitter a respeito da pandemia da Covid-19, o presente artigo analisa a polarização do debate em torno da eficácia do uso da cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da doença, a partir de sistemas de referências distintos, além de identificar os indícios de desinformação presentes nos links que mais circularam entre 23 de março e 13 de abril, a partir de uma base de 21.076 tweets. A análise constata a formação de câmaras de eco, numa clara oposição entre o uso de veículos tradicionais de comunicação e sites de teor explicitamente ideológico como fontes de referência para defender um medicamento sem eficácia científica comprovada.

PALAVRAS-CHAVES: Desinformação; Câmaras de Eco; Covid-19; Twitter; Redes sociais.

¹ Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?geo=BR&q=Covid-19>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

O aumento do interesse do público pelo assunto logo trouxe consigo uma avalanche de informações espalhadas pela internet, tanto por veículos tradicionais e instituições, como por usuários e personalidades. A isso, se somou a politização do combate à doença por políticos como Donald Trump, nos Estados Unidos, Boris Johnson, no Reino Unido, e Jair Bolsonaro, no Brasil.

Não demorou para que o diretor geral da OMS Tedros Ghebreyesus alertasse para a existência de um fenômeno informacional paralelo ao crescimento de casos de infecção. Denominada de Infodemia, a rápida difusão de informações em torno do novo coronavírus passou a preocupar tanto quanto a pandemia. Ao excesso de informações, soma-se um fenômeno complexo que, por falta de melhor nome, tem sido chamado de *desinformação* - informações descontextualizadas, distorcidas ou completamente fabricadas.

O uso de informações falsas como estratégia de guerrilha para confundir a população remonta a tempos muito distantes. Segundo Bloch (1921), em seu ensaio *Reflexões de um historiador sobre as falsas notícias da guerra*, os falsos relatos sempre fizeram parte da vida da humanidade (BLOCH, 1921).

Durante a pandemia, jornalistas e pesquisadores trabalharam em tempo real para desmentir e catalogar boatos - muitas vezes, fabricados com o objetivo de desvirtuar o debate sobre a doença. Um levantamento do Projeto Comprova verificou que o "surgimento dos boatos seguiu a agenda pública de evolução dos casos no exterior, a incorporação das medidas de restrição, além de ter sido impulsionado pela politização da pandemia" (UOL, 2020, informação eletrônica).

Aqui no país, esses três aspectos - evolução dos casos, medidas de distanciamento físico e politização da pandemia - convergem em boatos e peças de desinformação que tentaram sugerir soluções fáceis, como receitas e medicamentos, para a crise sanitária instalada. Um medicamento em específico tomou conta do debate público, e político, sobre a pandemia: a cloroquina - e sua derivada, hidroxicloroquina. Usadas no tratamento de doenças como malária e lúpus, as substâncias têm baixo custo e começaram a ser aplicadas no tratamento da Covid-19. A princípio, mostraram resultados aparentemente promissores quando combinadas a outros medicamentos, causando a euforia de líderes mundiais como Donald Trump e Jair Bolsonaro, ambos contrários às recomendações de distanciamento físico

defendidas pela OMS. Mas estudos posteriores² indicaram que os riscos envolvidos no uso dos medicamentos superavam os potenciais benefícios, de modo que, em mais de quatro meses de pandemia, não se chegou a evidências científicas conclusivas³ de que a cloroquina poderia contribuir com o tratamento da doença. Bolsonaro, no entanto, continuou a defender o medicamento sempre que teve oportunidade. A controvérsia em torno do medicamento esteve por trás de duas substituições no comando do Ministério da Saúde - Luiz Henrique Mandetta (DEM) deixou a pasta em 16 de abril e seu substituto, Nelson Teich, em 15 de maio, menos de um mês após assumir o cargo.

Devido à forte carga política ao redor do tema, uma disputa de narrativas encontrou nas redes sociais digitais um ambiente fértil. Informações verdadeiras se misturaram a uma enxurrada de peças desinformativas, que utilizaram diversas estratégias para desvirtuar o debate público, a despeito das evidências científicas.

A utilização de estratégias de desinformação se configura num meio de eficácia na manipulação do debate público. Na medida em que as pessoas passam a consumir informações e interagir através das plataformas digitais, esses espaços passam a fazer parte de uma esfera pública em rede, onde se forma a opinião pública (DAHLGREN, 2005).

Por outro lado, Sumpter (2019) alerta para os limites dos impactos democratizantes da rede ao denunciar a existência de uma arquitetura que privilegia a troca entre usuários que compartilham dos mesmos valores e crenças. Desse modo, os usuários correm o risco de ficarem restritos a bolhas de filtros e câmaras de eco (PARISER, 2012), potencializando estratégias de desinformação que, por sua vez, atuam como mecanismos de reforço de um sistema de crenças ancorado em referenciais que não encontram guarida no mundo verificável.

O presente estudo analisa o debate acerca da cloroquina e hidroxicloroquina no Twitter, no período de 23 de março a 13 de abril de 2020, quando Bolsonaro realizou diversos pronunciamentos públicos em cadeia nacional de rádio e televisão - mais especificamente nos dias 24 e 31 de março, e 8 de abril - defendendo o medicamento e divulgando o aumento da produção da cloroquina no Brasil.

Para este estudo, nos interessa, especificamente, analisar quais foram as principais fontes de informações citadas pelos usuários como forma de referendar suas

² Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/10/lupa-na-ciencia-cloroquina-lancet/>> Acesso em: 11 jul. 2020;

³ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/15/lupa-na-ciencia-cloroquina-novos-estudos/>> Acesso em: 11 jul. 2020;

posições contra ou a favor da liberação do medicamento. Desse modo, de uma base de 227.607 *tweets*, extraímos todos os *tweets* que continham *links* (21.076) para uma análise que buscou entender como diferentes sistemas de referência estão associados a diferentes posicionamentos políticos e ideológicos. Nossa hipótese é de que a narrativa sobre a cloroquina foi capturada pela disputa política e, dessa forma, usuários que defendem posicionamentos distintos tendem a não compartilhar as mesmas fontes de informação - sugerindo a formação de câmaras de eco. Também procura-se extrair *insights* sobre os tipos e estratégias de desinformação presentes no *corpus*, a partir dos *links* mais compartilhados.

Desinformação e fake news: conceitos espinhosos

Desde a eleição de Donald Trump em 2016, o termo *fake news* ganhou notoriedade (QUANDT et al., 2019), no discurso público e em pesquisas científicas (TANDOC JR; WEI LIM; LING, 2017; SALAVERRÍA et al, 2020). Passados quase cinco anos de sua popularização, seu uso ainda suscita intensas discussões, sendo criticado por simplificar o enquadramento de variadas estratégias desinformativas. Alemanno (2018) considera que existem várias definições para a expressão *fake news*, a maioria das quais enfatizam a amplitude do termo, de modo que não há um acordo universal sobre o problema e como demarcá-lo.

Assim, o conceito de *fake news* ainda é um terreno movediço para os estudiosos, que se debruçam no mapeamento dos diversos de camuflagem por elas adotados (SALAVERRÍA et al, 2020). Instituições como a Unesco (IRETON; POSETTI, 2018) e a First Draft News (WARDLE, 2017; 2019) preferem evitar a expressão, optando pelo termo mais genérico de “desordem informacional”. Esta estaria subdividida em desinformação (*disinformation*): propagação de informações deliberadamente falsas, difundidas por motivos econômicos ou ideológicos; informação incorreta (*misinformation*): informação falsa, mas difundida por que acredita-se ser verdadeira; má informação (*mal-information*): informação baseada na realidade, mas colocada em circulação com a intenção de prejudicar uma outra pessoa, instituição ou país (SALAVERRÍA et al, 2020).

Claire Wardle (2019) ainda definiu sete tipos de conteúdo normalmente observados no contexto de desordem informacional, sendo 1) Sátira/ Paródia, que não foi criada com a intenção de prejudicar, mas que podem enganar atores desavisados; 2) Falsa conexão, onde conteúdos não condizem com o título/manchete que despertou a atenção; 3) Conteúdo enganoso, onde a informação verdadeira é usada de forma

enganosa, com intenção de enquadrar alguém ou alguma coisa dentro de uma narrativa específica, levando a falsas conclusões; 4) Contexto falso; quando uma informação verdadeira é retirada do seu contexto original e inserida num contexto distinto; 5) Conteúdo impostor, criado para se passar por uma fonte verdadeira e de credibilidade, como sites que imitam jornais verdadeiros; 6) Conteúdo manipulado, quando conteúdo genuíno é modificado/distorcido para criar uma narrativa nova; 7) Conteúdo fabricado, totalmente desenhado para enganar. Para a jornalista, esses tipos de conteúdo variam da menor para a maior intenção de prejudicar outras pessoas.

Segundo Christofolletti (2018), a discussão sobre o falseamento da informação remete àquilo que comumente a sociedade chama de manipulação. O pesquisador destaca que é preciso cuidado com o que se entende por manipulação da informação, já que existem casos onde a interferência é de fato indevida, “mas existem casos também em que a manipulação é resultado mais da não correspondência de expectativas de conteúdo ou forma do que propriamente distorção, desvio ou construção artificial de um relato” (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 60).

Assim, para determinar que uma notícia foi manipulada, o critério não deve ser o da divergência de seu conteúdo, mas a constatação de que o mesmo sofreu interferência de forma deliberada para beneficiar ou prejudicar alguém. Christofolletti (2018) alerta que o subjetivismo do fazer jornalístico, ou seja, o ato corriqueiro de selecionar o que vai ser dito e aquilo que vai ficar de fora, talvez pudesse ser entendido como manipulação, no entanto, ele completa dizendo que

[...] manipular tem a ver com astúcia, artimanha, técnicas de persuasão e convencimento. Atenderia à vontade de dominar indivíduos ou populações, orientando suas condutas. Assim, a manipulação é um complexo de controle social que contribui para a massificação das sociedades e para a emergência de indivíduos que se movem por vontades alheias às suas (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 60-61).

Para tratar da desinformação, Christofolletti (2016) recorre ao texto clássico de Abramo (2016), *Padrões de manipulação na grande imprensa*, que sinaliza operações praticadas por jornais que podem levar suas audiências ao erro, como ocultação, fragmentação, inversão, indução e padrão global. Segundo Christofolletti (2018), os quatro primeiros são pertinentes para pensar o contexto contemporâneo da desordem de informação. Aos conceitos de Abramo, ele ainda acrescenta os padrões de abrandamento, “um conjunto de estratégias discursivas ou de enunciação que atenuam títulos ou textos, esvaziando parte da contundência de fatos ou declarações” (p. 70), o

de escamoteamento, “esquecendo dados, personagens ou outros detalhes mais sensíveis ou inconvenientes, mas que também são minimamente importantes para a compreensão daquele relato” (p. 71) e o de embaralhamento, “que se caracteriza por um conjunto de estratégias redacionais, narrativas ou estéticas que objetivam confundir e desorientar, levando a outros entendimentos e sentidos, distantes dos originais” (p. 72).

Os tipos de operação discursiva apontados por como Wardle (2019) e Christofolletti (2018) são bastante complexos, envolvendo uma grande variedade de conteúdos. As agências de *fact-checking* como Lupa e Aos Fatos também atribuem várias classificações para os conteúdos que verificam, indo muito além da dicotomia entre “verdadeiro” e “falso”. As disputas em torno da cloroquina e hidroxicloroquina, como evidenciaremos mais adiante, trazem exemplos dessas operações, por vezes, bastante sutis, de desinformação.

Nesse sentido, os conceitos de “desordem da informação” e “desinformação”, por ora, são mais apropriados do que *fake news* discutir os conteúdos que têm a intencionalidade de construir falsas narrativas em torno da realidade. Assim, a desinformação pode ser definida como a partilha de informações falsas, descontextualizadas ou distorcidas de forma proposital (STAHL, 2006). Tais conteúdos muitas vezes se valem de questões emocionais, políticas e ideológicas, ou mesclando informações falsas com outras verdadeiras, confundindo a audiência, que muitas vezes não tem condições ou não sabe como checar a veracidade da informação. Nas redes sociais digitais, encontram ambiente fértil para circular.

Ambiente digital como terreno fértil para a desinformação

Estratégias de desinformação como forma de influenciar o debate público não são inéditas. A questão que se coloca é como a internet ajudou a potencializar esse fenômeno, criando um ambiente propício para a rápida difusão desses conteúdos. A explicação para esse processo pode ser encontrada na lógica sobre a qual as conexões são estabelecidas (HAN, 2011).

O processo de desinformação realizado atualmente tem como principais características o uso estratégico da arquitetura digital, baseada em algoritmos, e da cultura participativa (JENKINS, 2009). O compartilhamento de informações incorretas por atores que não têm conhecimento prévio de sua falsidade ou imprecisão passa a integrar a lógica dessa cadeia de distribuição, como polo cuja atuação. Apesar de

essencial à expansão do alcance desses conteúdos, isso já se configura como resultado dessa utilização estratégica.

Juntamente com o aumento das potencialidades para a interação por meio da internet, passamos a gerar uma grande quantidade de dados a cada ação que realizamos em nossos dispositivos, abrindo possibilidades para novos modelos de negócios baseados na exploração dessas informações e no direcionamento de conteúdos que correspondam aos interesses dos usuários (SUMPTER, 2019).

Para entender como conteúdos atingem grupos diferentes de formas distintas e criá-los de modo que tenham os efeitos esperados, é preciso saber como esse público se comporta. Quanto mais se souber sobre os grupos que se quer atingir com a desinformação, maior a chance do sucesso. Esse processo surge na esteira de uma crescente personalização dos conteúdos aos quais os usuários costumam ter acesso através da web. Tida como uma das características definidoras do webjornalismo por Lorenz (2014), por possibilitar um maior engajamento do público com a notícia, a personalização possui consequências na construção do debate público. Gradim (2016) alerta para a necessidade de nos aprofundarmos na compreensão da diversidade interpretativa acessível aos usuários diante desse contexto. Segundo Pariser (2012), “No fim das contas, os defensores da personalização nos oferecem um mundo feito sob medida, adaptado à perfeição para cada um de nós” (PARISER, 2012, p. 16).

Dois movimentos atuam na personalização de conteúdos: os algoritmos utilizados por motores de busca e plataformas de redes sociais, como Facebook e Twitter, e a seleção ativa do sujeito sobre quais sites acessar e a quem seguir. Isso leva à existência de fenômenos complementares que ajudam a compreender como a internet se constitui como um ambiente fértil para a circulação de peças de desinformação: as bolhas de filtros e as câmaras de eco.

No primeiro caso, a limitação de acesso a diferentes fontes de informação se dá pela indicação de conteúdos a partir de algoritmos, que tendem a oferecer conteúdos que correspondam a padrões previamente capturados de navegação e interesse (PARISER, 2012). No caso das câmaras de eco (GUESS; NYHAN; REIFLER, 2018), os usuários criam ambientes artificiais de coesão discursiva a partir de suas escolhas, selecionando conteúdos que agradem suas crenças e valores, pelo viés de confirmação, no qual posições pré-estabelecidas costumam ser reforçadas por novas informações que conferem validade ao que se crê como real.

A indústria da desinformação se alimenta dos mais variados assuntos, acompanhando a agenda pública. Além da política, um tipo de desinformação com grande alcance e com impactos diretos refere-se à saúde (PÉRES-DASILVA; MESO-AYERDU; MENDIGUREN-GALDOSPÍN, 2020). Embora os resultados da desinformação sejam problemáticos em qualquer uma das áreas, quando se trata de saúde, os impactos podem ser devastadores, colocando em risco, por vezes, a vida da população.

De acordo com um relatório divulgado pelo Ministério da Saúde (2019), em um ano de verificação de notícias suspeitas divulgadas nos meios digitais a perda de credibilidade sobre a imunização apareceu como um dos principais assuntos. Entre as mais de 12 mil dúvidas recebidas pela pasta por meio do aplicativo *WhatsApp*, a maioria era conteúdo relacionado a vacinas, desde vídeos até pesquisas científicas.

De acordo com a OMS, essas notícias, juntamente com a ideologia antivacina, influenciaram na queda das taxas de imunização no Brasil (ESTADÃO SAÚDE SUMMIT, 2019). A queda do número de vacinados trouxe de volta doenças consideradas erradicadas no país, entre elas o sarampo, que já registrou surtos em cidades brasileiras.

Com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), a disseminação de peças desinformativas (SALAVERRÍA et al, 2020) ganhou contornos ainda mais desafiadores, já que podem colocar grupos em risco de contaminação, além de propagar remédios milagrosos que, se administrados sem recomendação médica, podem levar até à morte. Entre os conteúdos compartilhados nas redes sociais digitais, destacam-se teorias da conspiração de que o vírus teria sido criado artificialmente, na China, além de receitas caseiras e conteúdos que colocam em dúvida o número de casos da Covid-19, sugerindo que a doença seria uma mentira (RIBEIRO, 2020; UOL, 2020).

Um estudo feito pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que mapeou os conteúdos desinformativos sobre a Covid-19 recebidos entre 11 de abril e 13 de maio por um aplicativo da entidade, aponta que 24,6% afirmam que a doença é uma estratégia política; 10,1% ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio; 10,1% defendem o uso da cloroquina e hidroxicloroquina e 7,2% são contra medidas de distanciamento social (FIOCRUZ, 2020).

No Brasil, a defesa do presidente em relação ao uso da cloroquina em pacientes da Covid-19, mesmo sem qualquer estudo conclusivo, impulsionou a produção desses conteúdos, segundo estudo do Aos Fatos (LIBÓRIO; FÁVERO, 2020). Nas redes sociais digitais, notícias e pesquisas sobre a cloroquina foram citadas por usuários como forma de respaldar sua posição a favor ou contra a liberação do medicamento para o

tratamento da Covid-19. Na seção a seguir, analisamos quais foram os principais sistemas de referências acionados por cada polo envolvido nessa disputa, bem como o papel da desinformação.

Disputas discursivas sobre a cloroquina no Twitter

Metodologia

Para este estudo, consideramos o Twitter como um espaço propício para a pesquisa por se tratar de uma plataforma de sociabilidade virtual “onde ocorrem conversações em nível macro, ou seja, que se desenvolvem em um nível social e possuem características públicas de discussão” (SOARES et al., 2019, p. 4). Apesar de limitações, como a fragmentação dos conteúdos e a baixa qualidade de muitas das mensagens, trata-se de uma plataforma apropriada para a circulação veloz de informações, contando com recursos de multimídia e hipertextualidade, além de ferramentas como o *retweet* (RT) e o *reply*, facilitando a propagabilidade de conteúdos para redes heterogêneas. Também é muito utilizada para discussão de temas políticos.

Foram coletadas 227.607 menções publicadas no Twitter por 95.733 usuários únicos, entre 23 de março e 13 de abril de 2020⁴, contendo as palavras-chave “cloroquina” ou “hidroxicloroquina”, em língua portuguesa. A grande maioria desses conteúdos não trazia consigo nenhuma referência externa (*links*) - eram principalmente *retweets* e depoimentos sem informações ou fontes que pudessem ser confrontadas. Uma parcela considerável (cerca de 10%) fazia referências a fontes externas ao Twitter - traziam pelo menos um *hiperlink* para referendar seu ponto de vista. Esse dado nos interessa, pois permite demonstrar quais têm sido as fontes de informação mais utilizadas pelos grupos que discutiam o tema na rede. Após uma limpeza, organizamos os dados em um novo subconjunto de *tweets* que continham pelo menos um *link*, num total de 21.076 mensagens publicadas por 14.356 perfis. A Tabela 1 resume as principais informações da etapa de coleta e limpeza.

Tabela 1 Base e amostra de *tweets* coletados para a análise⁵

⁴ O volume coletado não significa a totalidade dos *tweets* publicados no período, mas a quantidade que estava disponível na API do Twitter.

⁵ A coleta foi realizada com o apoio da ferramenta TAGS 6.0; enquanto a limpeza e processamento dos dados contaram com o desenvolvimento de *scripts* em Python. A visualização dos dados contou com *softwares* como o Gephi.

	Base geral	Amostra (apenas <i>tweets</i> com links)
<i>Tweets</i>	227.607	21.076
Perfis únicos	95.733	14.366
Período	23 de março a 13 de abril de 2020	
Palavras-chave	cloroquina OU hidroxicloroquina (idioma: português)	

Fonte: Os autores (ANO)

Em seguida, extraímos o domínio de cada URL citado, bem como o título de cada página mencionada, para verificar sua relevância nas discussões sobre a cloroquina. No total, 819 domínios diferentes foram encontrados. A partir daí, utilizando princípios da Análise de Redes Sociais (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015), os dados foram processados para compreender a formação de comunidades (*clusters*) de usuários conectados aos mesmos sites, para verificar o sistema de referências utilizados para defender ou deslegitimar a cloroquina. As notícias com maior número de compartilhamentos foram submetidas a análises qualitativas, a fim de verificar o grau de desinformação presente nos conteúdos, bem como as principais estratégias de manipulação do debate público.

Fontes referenciadas e conexões partilhadas

Numa primeira análise, verificamos que uma grande diversidade de tipos de fontes esteve presente no debate sobre a cloroquina no Twitter. Em geral, os *links* levavam para sites ou perfis da Imprensa tradicional (como Folha de S. Paulo, Globo, Estado de São Paulo); Portais, blogs e perfis explicitamente ideológicos (focados na discussão de assuntos políticos, claramente posicionados à direita, como Terça Livre, ou à esquerda, como o Diário do Centro do Mundo); Imprensa on-line independente (sites jornalísticos generalistas, sem associação a grandes grupos empresariais, como Nexo ou Agência Pública); Bases científicas (periódicos na área de saúde e artigos disponíveis em bases de dados como ClinicalTrials); Perfis pessoais (por exemplo, o canal de YouTube do jornalista Alexandre Garcia, do Presidente Jair Bolsonaro, de médicos, etc); Imprensa internacional (New York Times, The Guardian, Le Monde, BBC, entre outros jornais produzidos em outros países e em língua estrangeira); Perfis institucionais (do governo ou de autoridades sanitárias como a OMS); Agências de *fact-*

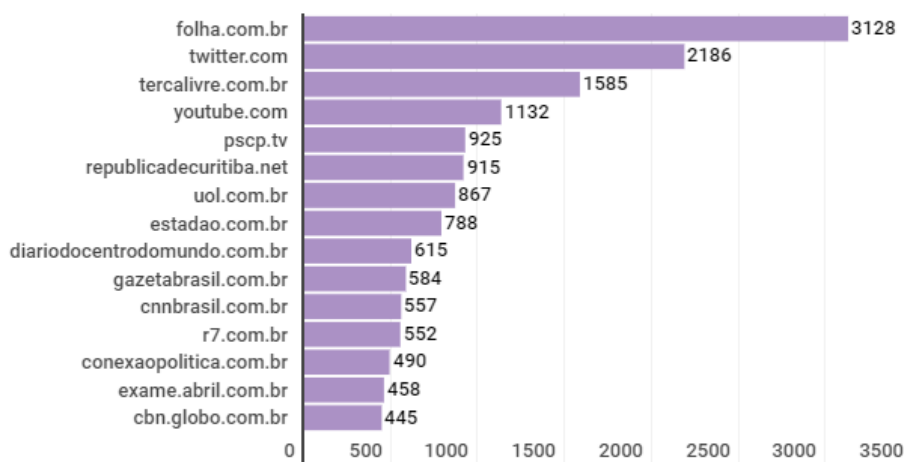
checking ou sites de combate a boatos (Aos Fatos, Lupa, Projeto Comprova, Boatos.org); Humorístico/satíricos (como o site Sensacionalista ou o canal do produtor de *deep-fakes* Bruno Sartori), entre outros.

Em trabalhos futuros, pretendemos quantificar a presença dessas fontes. A dificuldade, por ora, se dá pela diversidade de plataformas que participam desse fluxo, o que torna mais complexa a identificação imediata de qual é a fonte responsável pelo conteúdo. Por exemplo, o portal de direita Terça Livre possui um site, um canal no YouTube, perfil no Soundcloud e na plataforma Periscope (pscp.tv), com pelo menos quatro domínios diferentes associados ao mesmo grupo.

Para ter uma noção mais clara de como essa atuação multiplataforma ocorre, listamos os 15 domínios ou subdomínios⁶ que apareceram com maior frequência na nossa base de links:

Gráfico 1 *Ranking* de 15 endereços mais referenciados na amostra

Endereços mais referenciados



Fonte: Os autores (ANO)

A lista nos permite adiantar algumas tendências no consumo de informação, no que diz respeito às mídias sociais: entre os cinco sites mais referenciados pelos usuários, o próprio Twitter aparece em segundo lugar, com 10% dos links (consideramos que esses links são equivalentes a RTs e, por isso, não vamos considerá-los nos resultados posteriores). Em quarto, está o YouTube, que representa 6% dos

⁶ O domínio é o nome do site, enquanto um subdomínio refere-se a uma área específica dentro dele. Por exemplo, a Revista Piauí tem presença digital como um subdomínio da Folha de São Paulo (<http://piaui.folha.com.br>). A classificação por subdomínio permite enxergar a relevância de sites segmentados, blogs ou seções específicas dentro de domínios maiores.

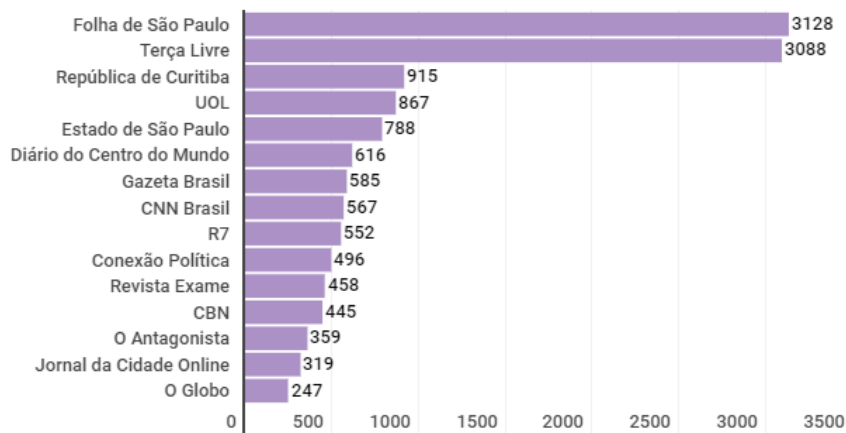
links. O Periscope (pscp.tv), uma ferramenta de transmissões de vídeo ao vivo, teve 4% das citações. Outras plataformas de redes sociais como Instagram e Facebook também aparecem na amostra. Isso indica que as fontes estão utilizando múltiplos canais de contato com a sua audiência, que utiliza as mídias sociais, e especialmente plataformas de vídeos, como ambientes de consumo de informação e formação de opinião.

Também chama a atenção a presença de inúmeros sites/canais de teor claramente ideológico, seja à direita ou à esquerda do espectro político. De maneira geral, esses sites não possuem expediente de reportagem, reproduzindo informações a partir de outras fontes ou produzindo conteúdo opinativo, analítico ou interpretativo. Entre os mais referenciados, estão Terça Livre, República de Curitiba, Diário do Centro do Mundo, Gazeta Brasil e Conexão Política, que dividem o *ranking* com veículos da mídia tradicional, como Folha de São Paulo, Estadão, UOL, CNN Brasil, R7, Revista Exame e CBN.

Dada a relevância do YouTube e Periscope na amostra, com mais de 2 mil links no período, submetemos a base de links desses sites a um segundo tratamento. Extraímos os títulos de vídeos e o canal responsável pela publicação. Assim, identificamos quem “assina” os vídeos e pudemos tirar conclusões mais precisas sobre o conjunto de fontes de informação que aparecem na disputa entre defensores da liberação irrestrita da cloroquina/hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 e os críticos dessa medida. Após esse processamento, repetimos o procedimento de ranquear as 15 fontes mais referenciadas, descartando o Twitter e consolidando as informações a partir de YouTube e Periscope.

Gráfico 2 *Ranking* das 15 fontes de informação mais referenciadas na amostra (consolidando informações de canais no YouTube e Periscope)

Fontes mais referenciadas



Fonte: Os Autores (ANO)

Desses 15, pelo menos três foram previamente identificados como propagadores de desinformação sobre a Covid-19 por iniciativas de checagens de fatos brasileiras. Gazeta Brasil, Conexão Política e Jornal da Cidade Online aparecem num levantamento do Aos Fatos, que revela sites que lucraram com anúncios publicitários ao publicar “desinformação sobre, por exemplo, a eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19” (NAILON; RIBEIRO, 2020, informação eletrônica). Os demais sites identificados nessa investigação (Notícia Brasil Online, Senso Incomum, Agora Paraná e Jornal 21 Brasil) também apareceram na nossa amostra, embora não estejam entre os 15 mais referenciados.

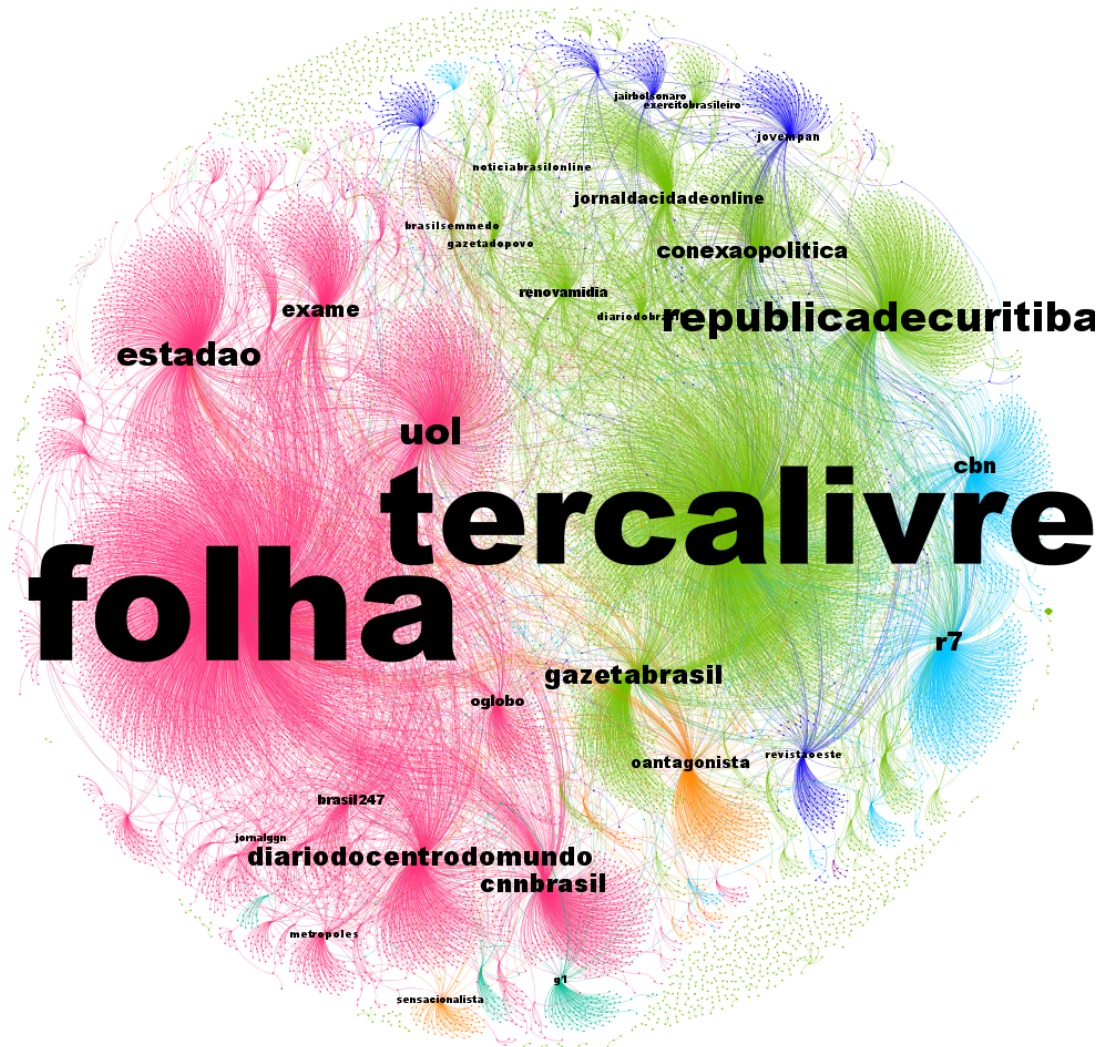
Após a consolidação desses dados, partimos para a análise das redes formadas em torno desses sites no Twitter. Nosso objetivo é identificar quais as referências mais compartilhadas no contexto das disputas ao redor da cloroquina e hidroxicloroquina como tratamentos da Covid-19. Para isso, geramos a visualização de um grafo que nos possibilita demonstrar de que modo diferentes usuários no Twitter se conectam com diferentes fontes de informação, e de que forma grupos de diferente posicionamento ideológico compartilham essas fontes. O mapa abaixo usa as métricas de ARS (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015) de *indegree*, ou grau de entrada⁷, e modularidade⁸. O objetivo é demonstrar como as diferentes fontes de informação abasteceram a

⁷ Representa a quantidade de conexões que um determinado nó recebe (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). No grafo, quanto maior o tamanho do nome da fonte, maior o número de citações que recebeu na rede

⁸ Métrica que identifica grupos subjacentes à estrutura da rede. Grupos que citam fontes em comum aparecem mais conectados entre si e em cores diferentes.

polarização política e a controvérsia em torno da cloroquina. Foram destacados os 30 perfis com maior grau de entrada.

Figura 1 Gráfico em torno das fontes de informação com *indegree* correspondente ao tamanho dos rótulos de nós



Ao lado esquerdo do grafo, vemos uma grande massa de conexões na cor vermelha, onde o principal nome que se destaca é o site da Folha de São Paulo. Além da Folha, outros jornais e portais da imprensa tradicional, como O Globo, UOL, Estadão, Revista Exame e CNN Brasil dividem espaço com sites noticiosos mais associados à esquerda, como Diário do Centro do Mundo e Brasil 247, dando uma “pista” do posicionamento ideológico dos usuários que utilizam links a partir dessas fontes: pessoas contrárias ao governo Bolsonaro. Reportagens publicadas pela grande imprensa, especialmente da Folha de S. Paulo, serviram de argumento para mostrar que a cloroquina/hidroxicloroquina não tem comprovações científicas contra o SARS-CoV-2. A matéria de maior repercussão na base, “Cloroquina está sendo vista como

salvadora mas não é', diz médica do INCOR" (Folha de S. Paulo)⁹ apareceu 2.068 vezes na amostra. Nela, a voz de uma especialista de saúde – a médica Ludhmila Abraão Hajjar – empresta sua credibilidade para produzir um enunciado que sugere, claramente, que o medicamento não é a resposta para a crise de saúde pública instalada. Publicada pela Folha em 12 de abril, a notícia também foi reproduzida por sites como Conexão Política, GauchaZH (antigo Jornal Zero Hora) e Polêmica Paraíba. O título traduz um posicionamento contra a cloroquina e utiliza como estratégia de credibilidade a fala da entrevistada, a sua profissão e o instituto onde trabalha – o Instituto do Coração. No corpo do texto, o leitor identifica que, além de médica, Hajjar integra um grupo de pesquisadores estuda a eficácia da cloroquina, conferindo mais autoridade ao seu discurso.

Outros conteúdos como "OMS testa cloroquina em laboratório, mas diz ainda não ter eficácia comprovada" (UOL)¹⁰ e ainda "Academias condenam uso indiscriminado da cloroquina e da hidroxiclороquina contra a Covid-19" (Estadão)¹¹ tiveram ampla circulação no período, baseando-se na autoridade de instituições científicas e de saúde para oferecer argumentos contra o uso indiscriminado da cloroquina.

A maioria das fontes compartilhadas pelo grupo em cor vermelha utilizou esse mesmo tipo de abordagem: a partir da voz de especialistas da área de saúde e do avanço dos estudos divulgados, mostrar o potencial de risco da cloroquina/hidroxiclороquina, os efeitos colaterais e outros fatores que interferem na segurança do tratamento. Tentam persuadir o leitor à ponderação, partindo das descobertas da ciência e não da opinião de médicos/cientistas isolados.

⁹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/cloroquina-esta-sendo-vista-como-salvadora-mas-nao-e-diz-medica-do-incor.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹⁰ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/13/oms-testa-cloroquina-em-laboratorio-mas-diz-ainda-nao-ter-eficacia-provada.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹¹ Disponível em: https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,associacoes-condenam-uso-indiscriminado-da-cloroquina-e-da-hidroxiclороquina-contra-a-Covid-19,70003268612?utm_source=twitter:newsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:042020:e&utm_content=:::&utm_term=. Acesso em 13 jul. 2020.

Figura 2 Exemplos de títulos de matérias que mais repercutiram no *cluster* vermelho

'Cloroquina está sendo vista como salvadora, mas não é', diz médica do Incor

Ludhmila Abrahão Hajjar diz que o principal gargalo da pandemia de Covid-19 é falta de estrutura nas UTIs

Academias condenam uso indiscriminado da cloroquina e da hidroxiclороquina contra a covid-19

Nota conjunta foi assinada pelos presidentes da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina

Roberta Jansen, O Estado de S.Paulo
12 de abril de 2020 | 17h48

Mais à direita do grafo, outro *cluster* se apresenta, na cor verde, com protagonismo do portal de extrema-direita Terça Livre. Quase todas as fontes que se destacam neste lado do espectro são portais de teor ideológico alinhados à direita, como Gazeta Brasil, República de Curitiba, Conexão Política, Jornal da Cidade Online, Renova Mídia, Brasil Sem Medo, Notícia Brasil Online e Diário do Brasil. O curitibano Gazeta do Povo é o único veículo de imprensa que aparece entre os principais citados nesta rede, mostrando uma característica da rede bolsonarista de evitar vozes mais tradicionais da imprensa profissional e procurar fontes alternativas de informação.

O discurso de crítica/rejeição à imprensa se confirma pelo teor de um dos principais conteúdos compartilhados no período: um vídeo do site Terça Livre com o título "ESTADÃO: CLOROQUINA NÃO, MACONHA SIM". No vídeo, de mais de 2h de duração, os apresentadores do canal comentam matérias publicadas por jornais brasileiros e apontam motivos para não confiar neles - alegando, inclusive, que seriam veículos aparelhados por partidos de esquerda. Críticas diretas à imprensa e outras instituições também aparecem em outros exemplos, como "Gusttavo Lima defende uso da Cloroquina e critica imprensa por esconder efeitos da substância" (Conexão Política)¹² e "CHINA E OMS ESCONDERAM HIDROXICLOROQUINA DE VOCÊ" (Terça Livre)¹³. Nesses últimos, é clara a tentativa, desde o título, de construir um sentimento de dúvida no leitor e nutrir uma espécie de paranoia em relação aos sujeitos que, de acordo com o conteúdo veiculado, detêm uma informação que está sendo ocultada do grande público.

¹² Disponível em: <https://conexaopolitica.com.br/politica/gusttavo-lima-defende-uso-da-cloroquina-e-critica-imprensa-por-esconder-efeitos-da-substancia/>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹³ Este vídeo foi posteriormente removido pelo YouTube por violar as diretrizes de conteúdo da plataforma e não está mais disponível.

Figura 3 Exemplos de conteúdos que mais repercutiram no *cluster* de cor verde



Observamos que, para defender seus interesses no que diz respeito à cloroquina, o grupo de cor verde também procurou respaldo em argumentos científicos – mas, em sua maioria, usuários citaram estudos ainda preliminares e opiniões isoladas de médicos, que não representam o consenso das principais entidades de saúde do país. Além da defesa da eficácia da cloroquina, os links citados por este grupo também buscavam aquecer a disputa entre governos estaduais e governo federal.

A preferência por fontes distintas entre os dois clusters aponta para a construção de câmaras de eco, através de um reforço discursivo perpetuado por redes de referência que servem como base de coesão dessas comunidades. Nesses casos, chama atenção o processo de escolha ativa dos usuários de compartilhar determinados conteúdos em detrimento de outros. “O Twitter é, de certa forma, uma mangueira de pequenas notícias, onde os utilizadores podem decidir o que escolher a partir deste fluxo” (LORENZ, 2014, p. 153).

Na seção a seguir, discutiremos algumas características dos conteúdos que tiveram maior número de compartilhamentos na amostra e que podem ser considerados desinformativos, a partir de Wardle (2019), Abramo (2016) e Christofolletti (2019).

Indícios de desinformação

Como mencionado, o uso da cloroquina/hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 dividiu opiniões no debate público e político. Na defesa e ataque do medicamento, vários argumentos apareceram. Nem todos esses argumentos, no entanto, são baseados em evidências científicas ou mesmo factuais. Entre os 10 links mais compartilhados de cada uma das principais fontes, não localizamos casos de conteúdos completamente fabricados (WARDLE, 2019), mas diversos exemplos possuem indícios de desinformação misturados a informações reais, num embaralhamento (CHRISTOFOLETTI, 2019) entre ficção e realidade que desorienta o leitor. Sem pretensões de servir como uma classificação exaustiva, apontamos algumas estratégias que contribuem com a desordem informacional sobre a cloroquina: 1) Estabelecer falsas relações de causa e efeito entre dados fragmentados e/ou descontextualizados; 2) Propagar opiniões pessoais como se fossem fatos objetivos; 3) Atacar a credibilidade de instituições de imprensa, autoridades sanitárias e entidades científicas; 4) Utilizar armadilhas retóricas, como falsas simetrias e apelo a valores morais. Os indícios de desinformação identificados podem ser operados simultaneamente, de modo que uma mesma peça pode utilizar mais de uma estratégia ao mesmo tempo.

Importante destacar que não se procura quantificar a ocorrência dessas práticas na amostra. O que se segue é uma análise qualitativa dos conteúdos que tiveram maior repercussão no período, como forma de apontar para estratégias de desinformação durante a pandemia da Covid-19.

A tática de estabelecer uma **falsa relação de causa e efeito** foi usada para promover a cloroquina como cura, apesar de não haver evidências científicas que suportem essa hipótese. Um exemplo disso está na forma como foi divulgada a cura de Gina Dal Coletto, uma idosa de 97 anos que foi tratada em um hospital privado de São Paulo e recuperou-se da Covid-19 após uma série de procedimentos e um tratamento que envolveu o uso de antibióticos, diuréticos, corticoide e cloroquina. No dia 12 de abril, a história de Dal Coletto foi publicada no site G1, do grupo Globo, com o seguinte título: "Idosa de 97 anos recebe alta hospitalar após se curar do coronavírus"¹⁴. Até aqui, a informação sobre uso da cloroquina como parte do tratamento da paciente encontra-se no texto da notícia, mas não faz parte do título.

Pouco tempo depois de ser publicada no G1, a mesma informação foi reproduzida integralmente, por sites como República de Curitiba, Renova Mídia, Pleno

¹⁴ Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/12/idosa-de-97-anos-se-cura-de-Covid-19-em-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em 14 jul. 2020.

News e Gazeta Conservadora, com títulos como: “Tratada com Cloroquina, idosa de 97 anos é curada em São Paulo”¹⁵ ou “Em SP, idosa de 97 anos recebe alta após se curar com cloroquina”¹⁶. Na nossa base, a notícia apareceu 1.490 vezes com o título modificado para dar destaque à cloroquina. A modificação no título estabelece uma falsa relação de causalidade entre dois fatos verdadeiros: o uso da cloroquina no tratamento e a recuperação da paciente. No entanto, a relação é falsa porque a cloroquina não foi o único remédio utilizado no tratamento e nem há elementos científicos suficientes para afirmar que foi ela a responsável pela cura de Dal Coletto.

Algo similar ocorreu com a matéria do portal R7, da Record, publicada em 8 de abril. No título, uma citação atribuída ao médico Roberto Kalil, chefe de cardiologia do Hospital Sírio-Libanês, tratado para Covid-19 com um conjunto de medicamentos que incluiu a hidroxicloroquina: “Impediu minha ida para a UTI”, diz Roberto Kalil sobre cloroquina”¹⁷. Ao ler o texto, vemos que a declaração completa de Kalil se refere ao tratamento que ele recebeu, como um todo - e não especificamente à hidroxicloroquina. Outras matérias sobre o mesmo caso oferecem contrapontos, mas não circularam nas mesmas redes em que esta, do R7, circulou. Na Folha de S. Paulo, a notícia “Médico de Kalil diz que não tem como dizer se foi cloroquina que o curou de coronavírus”¹⁸ esclarece que não é possível determinar a eficácia do medicamento com base naquela experiência individual. Na mesma linha, o Diário do Centro do Mundo publicou conteúdo enfatizando o aspecto político do medicamento, com o título: “Médico de Kalil, citado por Bolsonaro na TV, diz que estudos não comprovam eficácia da cloroquina”¹⁹.

Embora não tenha relação direta com a cloroquina, localizamos de modo recorrente o uso da expressão “vírus chinês” no corpo das matérias de sites bolsonaristas referenciados na amostra. Embora o primeiro surto do vírus tenha ocorrido em Wuhan, na China, o termo “vírus chinês” propõe uma falsa relação de

¹⁵ Disponível em: <https://republicadecuritiba.net/2020/04/12/tratada-com-cloroquina-idosa-de-97-anos-e-curada-em-sao-paulo/>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹⁶ Disponível em: <https://gazetabrasil.com.br/brasil/sao-paulo/Covid-19-em-sp-idosa-de-97-anos-recebe-alta-apos-se-curar-com-cloroquina/>. Acesso em 14 jul. 2020.

¹⁷ Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/impediu-minha-ida-para-a-uti-diz-roberto-kalil-sobre-cloroquina-08042020>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹⁸ Disponível em: <http://zpr.io/tLAac>. Acesso em 13 jul. 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/medico-de-kalil-citado-por-bolsonaro-na-tv-diz-que-estudos-nao-comprovam-eficacia-da-cloroquina/>. Acesso em 13 jul. 2020.

“propriedade” entre o país e o vírus, alinhada à hipótese, já refutada por diversas agência de checagem de várias partes do mundo, de que o novo Coronavírus teria sido criado num laboratório chinês e liberado intencionalmente para prejudicar a economia internacional.

Do outro lado da disputa discursiva, também podemos citar exemplos de falsa relação de causa e efeito. Houve casos em que a cloroquina foi destacada para reportar a morte de paciente em tratamento para a Covid-19. É o caso de: “Mulher morre em SP depois de tomar cloroquina, antibiótico e antiviral”²⁰ (Folha de S. Paulo). Pelo título, somente, a morte da mulher parece ter sido resultado direto da ingestão dos medicamentos - quando, na verdade, ela estava fazendo uso dos remédios como parte do tratamento para a doença. Nota-se que o antibiótico e antiviral utilizado no referido não aparecem nomeados no título, enquanto a cloroquina, sim. Apenas no corpo do texto o leitor identifica quais foram os outros medicamentos receitados neste caso e, ainda assim, não é possível atribuir ao tratamento a causa da morte da vítima. Ao citar a cloroquina logo no título, a Folha induz o leitor a uma conclusão inadequada sobre a responsabilidade do medicamento nesta morte. Na própria matéria, encontra-se o trecho:

Procurada, a Prevent Senior afirma que "categoricamente, não é possível afirmar ou associar o tratamento à ocorrência da *causa mortis*". "A paciente estava há seis dias sem a medicação. Qualquer ilação é temerária e má-fé", afirma o advogado Nelson Wilians, que representa a operadora de plano de saúde.

Esta estratégia (de falsa causalidade) pode ser associada ao padrão de manipulação de *fragmentação*, no qual, segundo Abramo (2016), os fatos passam a ser desconectados entre si, “despojados de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus consequentes no processo em que ocorrem, ou reconectados e revinculados de forma arbitrária e que não corresponde aos vínculos reais [...]” (p. 42). O padrão de fragmentação pressupõe duas operações, a de seleção dos aspectos e a de descontextualização. Também podemos associar esses exemplos aos conteúdos que estabelecem “falsas conexões” na tipologia da First Draft News (WARDLE, 2019), nos

²⁰ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/04/mulher-morre-em-sp-quatros-dias-apos-fazer-tratamento-com-cloroquina.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw%3Floggedpaywall&origin=folha. Acesso em 13 jul. 2020.

quais o título não corresponde exatamente ao conteúdo, e aos “conteúdos enganosos”, onde fatos reais são enquadrados a partir de interesses específicos.

Tal estratégia encontra nas câmaras de eco o ambiente ideal para potencializar seus impactos, a partir da exposição seletiva²¹ dos usuários a determinados conteúdos, pois nesses espaços o contraditório raramente aparece. Desse modo, a descontextualização e a seleção de determinados aspectos atuam como práticas discursivas que ajudam a sustentar uma fragmentação do debate acerca da cloroquina.

O segundo indício que podemos apontar como desinformativo é a **propagação de opiniões como fatos**. Este aspecto também guarda relação com os conteúdos enganosos (WARDLE, 2019), e pode ser associado ao padrão de manipulação da *inversão*, conforme Abramo (2016); mais especificamente a inversão da opinião pela informação. Neste padrão, identifica o autor,

O juízo de valor é inescrupulosamente utilizado como se fosse um juízo de realidade, quando não como se fosse a própria mera exposição narrativa/descritiva da realidade. O leitor/espectador já não tem mais diante de si a coisa tal como existe ou acontece, mas sim uma determinada valorização que o órgão quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento lhe foi oculto, negado e escamoteado pelo órgão (p. 45).

O vídeo “Cloroquina: Doria quer ser o pai da criança” (Terça Livre) é uma crítica ao governador de São Paulo, João Doria (PSDB), após ele ter declarado que o coordenador Centro de Contingência ao Coronavírus de São Paulo, David Uip, indicou o uso de cloroquina ao então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. No título do vídeo, uma impressão pessoal sobre a atitude do governador é enunciada na terceira pessoa do singular, como se fosse um fato jornalístico objetivo - “Doria quer ser o pai da criança”.

O mesmo tipo de operação ocorreu no polo oposto, no conteúdo publicado pelo site Diário do Centro do Mundo: “Robôs da milícia bolsonarista vendem os milagres da cloroquina sem dó no Twitter”. O texto relata a multiplicação de conteúdos repetidos no Twitter para promover a cloroquina, o que seria um indício da atuação coordenada de robôs ou de contas inautênticas. A matéria ainda afirma que a atividade seria comandada por Carlos Bolsonaro, filho do presidente, para manipular a opinião da população nas redes sociais. No entanto, embora haja indícios da utilização de robôs

²¹ Predisposição do sujeito em consumir informações que confirmem suas crenças em detrimento daquelas que geram questionamentos, trazendo desconforto e necessidade de reflexão (SPOHR, 2017).

no caso relatado, não há provas de que Carlos estava por trás da operação. Trata-se de uma opinião de quem escreveu o texto, publicada como fato.

Já o vídeo “China e OMS esconderam hidroxicloroquina de você”, publicado pelo canal de extrema-direita Terça Livre, usa como título uma declaração de seu entrevistado, o filósofo Olavo de Carvalho, sem citar diretamente a fonte. Apenas assistindo ao vídeo é possível recuperar o contexto da declaração. Desse modo, o Terça Livre converte em fato uma opinião pessoal, ao explicitá-la logo no título sem maiores informações. Este vídeo, que foi posteriormente removido do YouTube por violar diretrizes de conteúdo da plataforma, também insinua a participação do governo da China e da própria OMS num complô para esconder a verdade e prejudicar a população.

Neste sentido, além da relação com o padrão de manipulação da inversão, também é possível perceber que este conteúdo tenta **disseminar a dúvida** no espectador, o levando a desconfiar da Organização Mundial da Saúde e, conseqüentemente, das suas recomendações básicas para prevenção do vírus (distanciamento social, higiene, uso de máscaras etc). Para construir sua própria credibilidade, a indústria da desinformação ataca a confiança de outras instituições que se ocupam do registro ou da explicação dos fenômenos observáveis - como a ciência, a história ou a imprensa. A própria defesa da cloroquina, a despeito de todas as evidências científicas que surgiram desde o início da pandemia, sugere que o discurso propagado pelas entidades deve ser questionado. Ao inferir que algo está sendo “ocultado”, o site se coloca como conhecedor de um segredo, detentor de uma verdade que está sendo negada à sociedade para defender interesses escusos.

O vídeo “ESTADÃO: CLOROQUINA NÃO, MAS MACONHA SIM”, um dos mais replicados no período analisado, também é exemplo desse indício. Nele, os apresentadores sugerem que as instituições brasileiras, como a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), estão sendo operadas por comunistas infiltrados, que se utilizariam dos títulos dessas entidades para obter credibilidade. Por este argumento, descredibilizam o posicionamento de instituições renomadas da saúde, do direito, da educação, entre outras.

Este vídeo também exemplifica a quarta característica desinformativa que localizamos na amostra: o **uso de armadilhas retóricas**, como falsas simetrias e apelo a valores morais. O próprio título do vídeo é exemplo deste indício. Em letras garrafais, o vídeo se dirige a um grande representante da imprensa tradicional – o jornal O Estado de São Paulo – sugerindo o uso de “dois pesos e duas medidas” ao tratar de

medicamentos controversos (neste caso, a cloroquina e a maconha). Não é preciso ir muito longe para concluir que esta comparação parte de uma falsa simetria – as controvérsias em torno das duas substâncias não podem ser colocadas em pé de igualdade, já que o potencial medicinal da Cannabis Sativa vem sendo estudado de forma sistemática pelo menos desde a década de 1960; enquanto a cloroquina/hidroxiclороquina havia sido testada no combate ao SARS-CoV-2, há poucos meses, quando o vídeo foi publicado. Neste falso debate, a maconha é usada como palavra-chave para provocar a indignação de uma audiência conservadora, apelando para seu sistema de valores morais.

Numa leitura de reportagens de veículos como a Revista Exame, Rede Globo e o já citado Estadão, acusam os jornais de estarem escondendo a verdade sobre a cloroquina/hidroxiclороquina, para prejudicar o presidente Jair Bolsonaro. Nesse sentido, citam exemplos que provariam suposta acusação, como uma reportagem do Jornal Nacional de 2016 (durante o governo Dilma/Temer), em que a cloroquina foi citada como possível caminho para tratar a zika, em outro exemplo de falsa simetria. A retórica agressiva e o posicionamento político assumido produzem um efeito de autenticidade, responsável por parte do apelo desse tipo de conteúdo.

Considerações finais

Ao longo da análise dos dados, observamos alguns padrões na disseminação de conteúdos desinformativos. Essa constatação nos leva a crer que a origem das notícias falsas está ligada a interesses de tipos diversos, sobretudo político-ideológicos. A análise aponta para indícios de desinformação que distinguem a intencionalidade da manipulação da notícia, mostrando que a cada dia a concepção destes conteúdos se tornam mais profissionais e críveis, afastando do que antes era caracterizado por ser tosco e de fácil desmascaramento.

Esse refinamento na criação e disseminação das notícias enganosas acaba por criar uma cortina de fumaça entre público e o jornalismo compromissado com a verdade, que sofre com acusações dos dois polos da dividida população, que por vezes descredibiliza os veículos tradicionais acusando-os de esconder a verdade em detrimento de interesses políticos.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a polarização do debate acerca da cloroquina demonstra mecanismos pelos quais os desmentidos de notícias enganosas por meio de fontes tradicionais se mostram insuficientes no enfrentamento das estratégias de desinformação. Com pouca intersecção entre as fontes de referências

utilizadas pelos dois lados do debate, a informação verificável dificilmente consegue furar as barreiras impostas pelas câmaras de eco e pelos filtros algorítmicos.

Este trabalho procurou contribuir com a observação e análise dos conteúdos noticiosos que traziam em si formas de desinformação, de modo a mostrar como circulam e como ecoam em ambientes virtuais. É preciso atenção, já que este artigo mostra que tais conteúdos têm potencial de grande repercussão desde na situação política como na prevenção e contágio de doenças.

Sobre o possível uso de robôs no impulsionamento desses conteúdos, este trabalho não se deteve, já que a análise de conteúdo se concentrou em aspectos qualitativos e na descrição das principais estratégias de desinformação verificadas nos próprios sites. No entanto, não podemos ignorar que a automação é um fator importante da indústria de desinformação e pode ser utilizado como forma de mascarar a opinião pública, ficando esta lacuna para ser explorada em trabalhos posteriores, nos quais pretendemos complementar a análise qualitativa com dados quantitativos sobre as estratégias mapeadas e uma proposta de classificação dos tipos de fontes mais utilizados no contexto de câmaras de eco.

Referências

- ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.
- ALEMANNI, Alberto. Editorial: How to counter fake news? A taxonomy of anti-fake news approaches. **European journal of risk regulation**, v. 9, pp. 1-5, 2018.
- BLOCH, Marc. Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre. In **Revue de Synthèse Historique** v. 33, p. 17-40, 1921
- CHRISTOFOLETTI, Rogério. Padrões de manipulação no jornalismo brasileiro: fake news e a crítica de Perseu Abramo 30 anos depois. **RuMoRes**, v. 12, n. 23, p. 56-82, 22 jun. 2018.
- DAHLGREN, Peter. Media, knowledge and trust: the deepening epistemic crisis of democracy. In: **Javnost - The Public**, 0(0):1-9, Jan. 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13183222.2018.1418819?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 04 jan. 2019.
- _____. **The Internet, public spheres, and political communication: Dispersion and deliberation**. Political Communication, 22, Londres: Routledge, 2005.
- ESTADÃO SAÚDE SUMMIT. **Vacinas e fake news: o impacto de notícias falsas sobre a vacinação no Brasil**. 2019. Disponível em:

<https://summitsaude.estadao.com.br/vacinas-e-fake-news-o-impacto-de-noticias-falsas-sobre-a-vacinacao-no-brasil/>. Acesso em 14 jul. 2020.

FIOCRUZ. Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19. 2020.

Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-Covid-19>. Acesso em 14 jul. 2020.

GRADIM, Anabela. **Framing**: o enquadramento das notícias. Lisboa: Livros Horizonte, 2016

GUESS, Andrew; NYHAN, Brendan; REIFLER, Jason. Exposure to untrustworthy websites in the 2016 U.S. election. 2018 Disponível em:

<https://www.dartmouth.edu/~nyhan/fake-news-2016.pdf>. Acesso em 14 jul. 2020.

HAN, Sam. **Web 2.0**. Nova Iorque: Routledge, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph.

LIBÓRIO, Bárbara; FÁVERO, Bruno. Como a desinformação sobre a cloroquina se multiplicou no Twitter após o aval de Bolsonaro sobre a droga. **Aos Fatos**. 2020.

Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/como-desinformacao-sobre-cloroquina-se-multiplicou-no-twitter-apos-aval-de-bolsonaro-droga/>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LORENZ, Mirko. Personalização: análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João. (Ed.)

Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. 12 mil dúvidas em um ano de combate às Fake News. 2019.

Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45719-12-mil-duvidas-em-um-ano-de-combate-as-fake-news>>. Acesso em 14 jul. 2020.

NAILON, Tai; RIBEIRO, Amanda. Como sete sites lucraram com anúncios no Google ao publicar desinformação sobre a pandemia. **Aos Fatos**. 2020. Disponível em:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/como-sete-sites-lucraram-com-anuncios-no-google-ao-publicar-desinformacao-sobre-pandemia/>>. Acesso em 14 jul. 2020.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível**. O que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PÉREZ-DASILVA, Jesús-Ángel; MESO-AYERDI, Koldobika; Mendiguren-Galdospín, Terese. Fake news y coronavirus: detección de los principales actores y tendencias a través del análisis de las conversaciones en Twitter. El profesional de la información, v. 29, n. 3, 2020.

QUANDT, T., FRISCHLICH, L., BOBERG, S., SCHATTO-ECKRODT, T.. Fake news. In T. P. Vos & F. Hanusch (Eds.), **The international encyclopedia of journalism studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2019. Disponível em:

<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118841570.iejs0128>>.

Acesso em 14 jul. 2020.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Amanda. Em três meses, desinformação sobre Covid-19 foi de cura milagrosa à politização do isolamento. **Aos Fatos**. 2020. Disponível em:

<<https://www.aosfatos.org/noticias/em-tres-meses-desinformacao-sobre-Covid-19-foi-de-cura-milagrosa-a-politizacao-do-isolamento/>>. Acesso em 14 jul. 2020.

SALAVERRÍA, Ramón; BUSLÓN, Nataly; LÓPEZ-PAN, Fernando; LEÓN, Bienvenido; LÓPEZ-GOÑI, Ignacio; ERVITI, María-Carmen. Desinformación en tiempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la Covid-19. **El profesional de la**

información, v. 29, n. 3, 2020, e290315. <https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.15>

SOARES, Felipe; VIEGAS, Paula; SUDBRACK, Shana; RECUERO, Raquel. Desinformação e esfera pública no Twitter: disputas discursivas sobre o assassinato de Marielle Franco. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**. v. 21, n. 3, setembro, 2019.

SPOHR, Dominic. Fake news and ideological polarization: Filter bubbles and selective exposure on social media. **Business Information Review** 34, p. 150–160, 2017.

TANDOC JR, Edson C.; LIM, Zheng-Wei; LING, Richard. “Defining ‘fake news’”. **Digital journalism**, v. 6, n. 2, pp. 137-153, 2018.

<https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>

UOL. **Os 70 dias do Comprova na checagem de informações duvidosas sobre a Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2020/06/16/os-70-dias-do-comprova-na-checagem-de-informacoes-duvidosas-sobre-a-covid.htm?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996>

WARDLE, Claire. First draft’s essential guide to understanding information disorder.

First draft. 2019. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf>.

Acesso em 14 jul. 2020.

ABSTRACT:

In view of the large flow of information circulating on Twitter regarding the Covid-19 pandemic, this paper analyzes the polarization of the debate around the effectiveness of the use of chloroquine and hydroxychloroquine in the treatment of the disease, based on different reference systems, in addition to identifying the signs of disinformation present in the links that most circulated between March 23 and April 13, based on a base of 21,076 tweets. The analysis finds the formation of echo chambers, in a clear opposition between the use of traditional communication vehicles and sites of explicitly ideological content as sources of reference to defend a drug without proven scientific efficacy.

KEYWORDS: Disinformation Disorder; Echo Chambers; Covid-19; Twitter; Social Networks.

RESUMEN:

En vista del gran flujo de información que circula en Twitter sobre la pandemia de Covid-19, este artículo analiza la polarización del debate sobre la efectividad del uso de cloroquina e hidroxiclороquina en el tratamiento de la enfermedad, basado en diferentes sistemas de referencia, además de identificar los signos de desinformación presentes en los links que más circularon entre el 23 de marzo y el 13 de abril, en base a una base de 21.076 tweets. El análisis encuentra la formación de cámaras de eco, en una clara oposición entre el uso de vehículos de comunicación tradicionales y sitios de contenido ideológico explícito como fuentes de referencia para defender una droga sin eficacia científica comprobada.

PALABRAS-CLAVES: Desinformación; Cámaras de eco; Covid-19; Twitter; Redes sociales.